

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***ANTÔNIA PORTO***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4

Entrevistado – Antônia Porto (D. Totoca) (R)

Entrevistadores – Maria Leide W. de Oliveira (E3), Luis Carlos Brum (E2) e Laurinda Rosa Maciel (E)

Data – 31/07/2010

Local – Belmonte/BA

Duração – 27min

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PORTO, Antônia. *Antônia Porto. Entrevista de história oral concedida ao projeto Campanha de Hanseníase em Belmonte e Barrolândia - Projeto Decit (IOC/COC) – Cluster nº 4*, 2010. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 17p.

Data: 31/07/2010

### Fita 1

E: Bom, a gente está aqui com a Dona Totoca. Hoje é dia 31 de julho de 2010. Estamos eu, o Dr. Luis (Carlos Brum e Paula) e a Dra. Maria Leide... E Dona Totoca, qual é o nome o nome da senhora?

R: Antônia.

E: Antônia.

R: Antônia Porto.

E: Antônia Porto.

R: Meu pai era de lá de... (reflexiva) Como é que diz? Ah, eu estou assim! Você não quer cuidar de mim...

E2: Eu cuido sim, Dona Totoca! Seu pai era de onde?

R: Hein?! Meu pai...

E2: Ele era... Ele não era de Caravelas?

R: Não, ele não era. Ele era soldado de polícia.

E: Soldado de polícia.

E2: Mas não era daqui?

R: Aí ele foi mudado para Caravelas... Aqui ele namorou com minha mãe e aqui ele casou.

E2: Mas ele veio de outra cidade para aqui.

R: Era.

E: Hum, hum.

R: Aí eu não sei de onde dele veio.

E2: Qual a cidade.

E: Sei.

R: Aí quando ele...

E2: Mas foi da Bahia.

R: Era. Xique Xique, da Bahia.

E: Xique Xique.

E2: Xique Xique. Então é no sertão.

R: É. No sertão.

E: No sertão da Bahia.

R: (rindo) Essas coisas assim eu vou lembrando, não é? (risos)

E: (Risos) É assim mesmo.

E2: Um nome desse não tem como esquecer. Xique Xique é um nome diferente.

R: Ainda bem! Aí foi para lá, foi mudado para Caravelas.

E: Certo.

R: De caravelas mudaram ele para...

E2: Distrito do Juerana.

E: É.

R: É. Aí lá eu nasci.

E: A sua mãe já foi grávida daqui com a senhora.

R: Já foi grávida, não é?

E2: Ele esperou um menino, nasceu Dona Antônia Totoca.

E: (risos)

R: Aí...

E3: E a senhora teve irmãos?

R: Ham?

E3: Tem irmãos?

R: Eu só tive um irmão que morreu, no mesmo ano que minha mãe morreu, ele morreu também.

E: É mesmo? Morreu de que dona...

R: Mamãe morreu também de velhice, dessas coisas, não é?

E2: E seu irmão?

R: E minha mãe morreu em junho, em 28, era véspera de São Pedro, e meu irmão morreu 15 de dezembro do mesmo ano, de 73, 1973.

E: Hum, hum.

R: Todos dois morreram, não é? E eu estou aqui... (rindo)

E3: E a senhora veio para cá para... Com quantos anos?

R: Aí quando o pai... Deixa eu continuar, quando meu pai foi para a caçada do Lampião...

E: Foi convocado para caçar o Lampião.

R: É.

E: Em Pernambuco?

E2: A senhora tinha que idade?

R: Hein?

E2: Quando ele foi caçar o Lampião você tinha que idade?

R: Aí eu não sei a idade, não é? Que é certo que lá eles ficaram num lugar que foi determinado para eles ficarem, e tinha um barranco, e eles fizeram um buraco no barranco e os soldados todos ficaram dentro daquele buraco só com a cabeça de fora e o cano da arma, não é? (rindo). Mas aí o Lampião deu o golpe, invés de passar por ali aonde eles estavam passou por outra estrada, não é? E veio chuva, relâmpago, trovoadas...

E3: Ele contou isso?

R: E eles tomaram essa chuva toda, no outro dia também. Aí quando avisaram que Lampião já tinha passado por outra estrada, que eles viessem embora aí ele já veio com febre... Com muita febre, já veio rouco... E morreu tuberculoso, não é? Naqueles tempos não tinha cura...

E: Remédio, cura, tratamento, não é?

R: O único remédio que ele tomou muito foi leite de cabra que lá tinha muito...

E2: Que ano foi? Você não lembra o ano não? Você não lembra o ano não que ele morreu?

R: Eu estava com 3 anos.

E: 3 anos?! Nossa, foi em 1930!

R: É.

E: Ela nasceu em 27...

R: Em 23.

E: Em 23. Não é?

R: É.

E2: Eu sou de 26.

R: Eu nasci em 23.

E3: Essas datas e anos assim às vezes ficam confusas, não é?

R: É.

E: Mas ela está com 87...

E2: (fala junto) Ela está com 87, ela é de 23... .

E3: Eu estou pensando por conta do Lampião...

R: Aí quando ele morreu mamãe perdeu o direito de receber. No Nordeste sabe como que é... Lá o negócio, trabalhava por dia, não é?

E2: Pensão.

R: Aí veio se embora para aqui, que aqui ela tinha uma casinha e tinha mãe dela, a minha avó.

E: Que era daqui.

R: Era daqui.

E: Ela ficou viúva. Aí ela saiu pedindo de lá do sertão de Pernambuco, veio pedindo nas cidades, diziam muita coisa para ela, não é? E ela tinha um filhinho, meu irmão, o João – Você não conheceu não... O menino de um ano e comigo pela mão (rindo). E eu com três anos, não é? Aí até que chegamos em Canavieiras.

E2: Vocês estavam lá também no sertão, também no mesmo lugar?

R: Com ele.

E2: Ah, vocês foram com ele?!

R: É. Fomos com ele, e lá...

E3: Vocês voltaram, vieram para cá.

E: Aí voltaram para cá, não é?

R: Viemos pedindo, minha mãe vinha pedindo. E todo lutar que chegava ouvia muita prosa do povo. (risos) Que sabe como que é não é? Até que chegou aqui em Canavieiras. Em Canavieiras ela pediu a passagem de lancha para vir, mas a maré só dava de noite, é tanto que ela chegou aqui 11 horas da noite. Aí... Que não avisou os parentes dela não, não é?

E: Que estava voltando.

R: Aí eu pela mão e outro dormindo...

E2: Dava pra avisar por telegrama.

R: Aí ela foi... Ali onde o João Tocinho morava, se lembra de onde o João Tocinho...? Para cá um pouco da Águia Negra.

E2: Hum, hum. Lembro.

R: Por ali. Aí quando bateu na porta a minha avó veio abrir, não é? Aí quando a minha avó viu a filha começou a chorar... Ela: “Não mãe, não chora não” Não chora não, me ajuda!” (risos) Era 11 horas da noite, não é? Ela contava isso chorando quando ela me contava essas coisas ela chorando... Aí a minha avó foi ajeitou cama para nós dois, nós três, não é? Aí ela ficou aqui. Minha avó era parteira...

E: Ah a sua avó era parteira?!

E3: Ah, você aprendeu com a avó então.

R: A minha mãe também.

E: Ah!

E2: Você também.

E3: Uma geração de parteiras.

E: É. Uma geração de parteiras.

R: A minha avó ensinou a minha mãe fazer os partos, não é? Por isso que esse cabra me ensinou (rindo) fazer parto...

E: Eu não te ensinei não, eu aprendi com você. Não vem fazer confusão no meio da área aqui não. Não é?

R: Pois é.

E2: Não é? Eu aprendi que com ela e ela fica...

E: (risos) E a senhora aprendeu com a sua mãe?

R: É. Não, a minha mãe aprendeu com a minha avó.

E: Isso. E a senhora aprendeu...?

E: Não, porque eu fui trabalhar primeiro lá na maternidade, doutor Carlos, não é? E doutor Jurandir. Aí... E eu era curiosa, queria também saber como era, não é? Aí fui trabalhando lá na maternidade, não é? Ajudei a avó e fui trabalhar.

E2: Quando nós começamos aqui com...

R: Trabalhei, abusei...

E3: A senhora sempre trabalhou na maternidade... Assim, nos hospitais, na área da saúde a senhora trabalhou na maternidade direto os anos todos ou a senhora trabalhou também em posto de saúde, em outros lugares?

R: Não. Comecei fazendo curativo em ferida que tinham, não é? Eu fazia esse trabalho de enfermagem,

E2: Mas foi antes do Jurandir.

R: Era.

E3: Mas sempre no hospital, a senhora nunca trabalhou no posto de saúde não? Sempre no hospital.

E2: Não, era na Santa Casa.

R: Na Santa Casa.

E2: Era na Santa Casa.

E: Ah, trabalhava na Santa Casa!

R: Por que você não enfrenta aquela maternidade?

E2: Toda vez que eu fui mexer ali me tiraram fora, não gosto de mexer com isso, nada público, e nada de irmandade, estou fora.

R: Aí quando o professor de lá do hospital me tirou também, fez 30 anos no dia 7 de junho...

E2: Ele cismava com a pessoa e tirava...

E: É.

R: Ele me tirou do trabalho de lá do hospital da maternidade.

E: Ah!.

R: Ele tirou. Aí quando esse daqui soube...

E2: Que eu fui também...

R: Oi?

E2: Que eu fui expulso também de lá.

R: Hein!?

R: Foi. Foi expulso também, mas ele quebrou a porta do hospital de um chute... (rindo)

E2: Isso eu era novo, todo cara novo é louco.

R: Aí quando ele soube logo foi me buscar e eu fui e trabalhei com ele, e aprendi muita coisa.

E2: Todo mundo que era expulso... A turma dos revoltados expulsos.

E: (risos) Mas a senhora trabalhava assim na casa das pessoas? Ia na casa das pessoas ou só trabalhava...

R: Não, eu ia, quando...

E: As pessoas chamavam a senhora para fazer parto.

E: Aí me chamavam, não é? Eu fiz vários partos. Eu fiz um parto aqui nessa rua, dia de São João que tinha um cabaré...

E2: O cabaré era lá na outra rua.

R: Era do filho de ciganinha... Aí eu fui para fazer...

E2: (fala junto)

R: O rapaz veio. Quando eu cheguei lá estava o menino com a cabeça de fora e não tinha nada, eu ia com uma sacolinha assim na mão...

E: Nossa!

R: Aí peguei a sacola, joguei no chão... Quando tem que morrer morre, não é? Joguei no chão assim, aí peguei foi as roupinhas do neném que eu acabei de tirar, não é? Agora cortar o umbigo com o que? Eu não tinha faca, tesoura, não tinha nada? Aí pulei, peguei a bandeirola que estava na rua...

E: De São João?

R: Que era de São João...

E2: Dá até para fazer um filme...

E: É. Cortei o papel assim da bandeirola...

E: E usou aquela linha?

R: “Ah, senhor! Olha para esse problema, eu não tenho nada para amarrar nesse filho teu. Não deixa que ele tenha doença nenhuma para morrer não. É as tuas mãos que está passando aqui”... Aí eu passava assim no cordão, não é? E das bandeirolas que estavam...

E2: E amarrou o umbigo.

R: Amarrei o umbigo. Aí o moço, o dono da casa: “Eu tenho um canivete aqui, canivete de cortar o fumo”.

E2: Tanta precariedade, não é?

R: Nossa senhora!”

R: Um canivete de cortar fumo...

E: Fumo!

R: Não tinha álcool, não tinha nada.

E2: Quando eu cheguei aqui não fazia...

E: Nada para... (falam juntos) E a senhora foi lá e cortou.

R: Pois é.

E2: Isso era uma coisa que não fazia...

R: Aí passei a fraldinha que eu peguei no chão, passei assim na fralda, não é?

E: É.

E2: Não atentavam para isso, que eles não morava aqui. (

R: Aí cortei com canivete, não é? Já tinha amarrado com o cordão, cortei com canivete. Aí quando o dia amanheceu eu fui lá na Santa Casa pedir a doutor Jurandir um cordão esterilizado que não tinha nada.

E2: Que era feito com fio ainda. Comprava na casa Shalom esterilizado na estufa...

R: Era.

E: Tinha aquele fio que fazia o umbigo. Cheguei aqui era assim ainda.

E: Era. E esterilizava tudo, não é? Aí fui lá, pedi a ele, ele me deu. (rindo) Eu vi para cá, amarrei mais embaixo, e cortei outro pedaço (rindo) do umbigo, e ajeitei, e o menino não morreu, é Pedro.

E: Eta ferro!

R: Mora lá em Canavieiras, sabe?

E: Hum, hum. Aí quando ele aparece porque aqui ele sempre vem aqui e quero...

E2: São seus afilhados.

R: É.

E: Aí fiz de outros também, não é? O filho de... Irmão de Benedita que tem a loja aí...

E2: Sei.

R: É Maria, que ela não é muito certa, não é?

E2: Aquela Bené?

R: Aí me gritou, me gritou, me gritou, aí eu abri a porta para ver quem era: “Dona Totoca, minha mulher está parindo. Pelo amor de Deus, vamos lá! Vamos lá”. Aí digo: “Vamos embora!” “Bota Deus é na frente e vamos embora”. Aí fomos. Quando cheguei lá era 4 de

dezembro, não é? Aí quando eu cheguei... Que os filhos daquele Sobral, era uma porção de filho que Sobral tinha e os meninos tudo pelado....(rindo)

E2: Aquele que tinha o negócio da oficina.

E2: Tirou o menino.

R: Aí eu tirei o menino. Limpei que estava todo sujo de sangue, tirei a placenta, botei dentro de um urinol que estava assim, aí fui vestir o menino, ajeitei ele. Aí eu disse assim: “Olha aí, hoje é dia até de uma santa muito forte”. Ela disse: “É de Santa Bárbara, não é dona Totoca?” Eu digo: “Ah, você sabe, não é?” Ela disse: “Sei”. Aí eu disse: “Pois é”. Ela: “Pois ele aqui vai chamar Barbino”.

E: (risos) Ah, coitado!

R: E até hoje, eu fui para festa que teve em Guimarães, não é? Que eu chego lá estou vendo aquele homem só me olhando, só me olhando, encostado assim numa janela... “O que será que esse rapaz tanto olha para mim?” Aí ele não aguentou... O padre chegou para fazer os batizados, não é? Aí ele disse assim: “Dona Totoca.” Aí eu disse: “Oi!” Eu disse: “Quem e você?” “Dona Totoca, eu sou Barbino”. (risos)

R: Aí eu me lembrei da mãe dele, não é? Ah, Dona Totoca eu vim para a senhora me batizar, eu não sou batizado, eu quero batizar”. (risos) Eu disse: “Com esse nome mesmo?”

E2: A senhora não trocou o nome dele não?! Trocava o nome dele na hora para Balbino...

E4: Aqui tem Balbino. (risos de todos)

R: Até hoje eu chamo ele de Balbino, não é? Mas ele diz que o nome dele é Barbino. (Risos)

E3: Dona Totoca aí a senhora trabalhou fazendo parto até que ano, até quantos anos atrás?

R: É muito. Até 92 eu ainda trabalhei lá na clínica.

E2: Ele já trabalhou lá na clínica. Logo quando nós voltamos para nós montamos a clínica em que ano? 77... Não... Em 80...

R: As filhas dele, quem cuidou do umbigo, que foi? (risos) Mandava o rapaz vim me buscar todo dia para ir na casa dele para...

E2: É para quem tem a mão boa para cuidar de umbigo, não é qualquer um que sabe. (risos)

R: É a mãe dele: “Diz para Totoca amarrar o umbigo direitinho, fazer como eu fazia com vocês”. (rindo) E eu ia todo dia cuidar das meninas dele. (risos)

E2: 83, em 85 a 92...

E: Sete anos. Na clínica, mas assim fora da clínica a senhora continuou a atender se alguém lhe procurasse?

R: Aí depois mudou a...

E2: A coisa toda.

R: A política, não foi?

E2: Mudou quase tudo.

R: Mudou a política, mudou tudo aí, não é? Aí não trabalhei mais não porque me tiraram de lá da maternidade. Ainda está lá se acabando a maternidade... Não sei porque você não toma a frente daquilo ali.

E: Mas hoje também dona...

E2: Totoquinha afasta de mim esse cálice!

E: D. Totoca, tem muito a idéia assim das mulheres de ir para o hospital para ter filho também, não é?

R: É.

E: Então a idéia assim da parteira, de ter bebê em casa, isso se acabou.

R: Acabou. Acabou, não tem mais não.

E3: Dona Totoca alguém da secretaria de saúde estadual já chamou a senhora para fazer curso de parteira? Assim alguém...

R: Não, eu já fui para Itabuna para fazer um curso, ficava um mês de Itabuna. (Reflexiva) Como é que chamava o curso? Deixa ver se eu lembro.

E2: Não foi uma habilitação para parteira leiga que teve uma vez?

E: Era. Para aprender, foi muita gente daqui das regiões por aqui de Itabuna para saber que quando tivesse hemorragia o que é que aplicava, não é?

E4: Limpeza, não é?

E2: É. Então ela fez o curso básico, não é?

R: É. Porque também eu fiz um parto muito difícil lá na maternidade...

E: É mesmo?

E3: A senhora já teve neném com apresentação, se o colar... a mulher estava com... O menino estava com pezinho para fora...

R: Teve.

E3: E o cordão.

R: Teve um cordão umbilical no pescoço, passado, não é?

E3: Tem umas histórias assim?

R: Teve. Olha eu fiz um parto, era o doutor Elvis naquele tempo, não é? Aí quando a mulher... Eu fui tocar; quando eu fui tocar aquele negócio mole. Eu digo: "Meu Deus não é nádegas!" Era um dia de Domingo, doutor Elvi estava na praia com a namorada, não é? Eu digo: "Não é nada. O que é isso aqui, meu Deus!" Aí tocava, deixava... Ela: "Dona Totoca, eu não aguento mais, me ajuda!" "Estou te ajudando, minha filha". "Eu não aguento mais". Aí eu pedi a Nossa Senhora que me ajudasse para eu descobrir o que era aquilo que vinha de frente. Porque a placenta a gente conhece quando vem, não é doutor? E aquilo era mole, toda vez que eu tocava aquilo era mole, não é? Aí pedi a Nossa Senhora, e rezei, graças a Deus que eu tenho fé, aí comecei calcar aquilo, comecei calcar, aquilo foi descendo, descendo, descendo... Aí

botei uma fralda assim embaixo e empurrei aqui com força. A cabeça não tinha nem um pedacinho de osso...

E: Ah!

R: Era o couro que cobria...

E2: Anencefalia.

E: Nossa!

R: Era o couro que cobria, não tinha osso, não tinha...

E2: Faltava a craniana...

R: Isso aqui não tinha nada, não tinha testa, não tinha nada... Aí peguei, botei a fralda, acabei de tirar... A placenta acompanhou, eu tive sorte porque Nossa Senhora estava ali comigo, não é? A placenta acompanhou, aí cortei o umbigo, tirei a placenta, aí enrolei, assim, estava viva, a menina, aí enrolei a menina, deixei ela lá no pré-parto, já era quatro e tanto da tarde eu digo: “Não vai demorar o doutor Elvi vai chegar”.

E: Isso foi no hospital, na Santa Casa?

R: No hospital, na maternidade.

E: Na maternidade.

R: Aí não demorou o doutor Elvi chegou: “Ei, não tem ninguém aqui nessa casa não?” Eu digo: “Tem até demais! Cale a boca e venha vê! (rindo) Ele riu, não é? Aí ele entrou eu disse assim: “Olha aqui”. Eu já tinha botado um bocado de algodão na cabeça e botei uma toca, não é? Aí quando ele chegou: “O que é que há Antônia?” Eu digo: “O que é que há? Uma cabeça sem osso”. (risos) Ele disse: “Não é possível!” Eu disse: “Venha ver” Aí ele veio: “Mas é muito...” Eu disse: “Pois é”. “E aí?” Eu digo: “E aí que Nossa senhora me ajudou”. Aí a mãe ficou: “Minha filha não chora não, Dona Totoca? Não estou ouvindo o choro da minha filha não”. Aí eu deixei o doutor Elvi lá mais ela...

E: Ele que resolva, não é?

R: Bom, esse foi um parto que eu fiz com muita dificuldade assim e fiquei muito nervosa depois do parto, naqueles dias eu fiquei nervosa, não é?

E: Imagino.

R: Como é que aquela menina se desenvolveu, não é? E chegou até nascer, não é?

E: É.

R: Pois é. Aí já fiz outro parto, aí já foi com o doutor Carlos, fiz outro parto. Aí quando tirei era um menino. Na frente tinha uma xoxota, mas atrás tinha um pintinho.

E2: Hermafrodita.

E: Nossa!

R: Aí eu: “Meu Deus do céu! (rindo)” Era só o que faltava para mim, não é? Aí ajeitei, limpei o sangue dele todo, botei a roupinha dele, deixei lá.

E2: Nasceu bem?

R: Hein?

E2: Nasceu bem ele?

E: O resto estava normal, normalzinho.

R: Tudo normal, era só isso, era dois sexos. Aí quando foi o doutor Carlos chegou, aí a mãe fez a mesma pergunta.

E: “A minha filha não chora...”

R: “Doutor Carlos, meu filho não chorou”. “Como é que ele pode chorar se ele tem dois sexos! “Que isso doutor Carlos, pelo amor de Deus! Não diga assim não.”

E2: Ele não tinha paciência nenhuma com paciente.

R: Ele não tinha paciência, não tinha. Ele não tinha, a parturiente com dores ali sofrendo e ele botava aquele rádio (rindo) desse tamanho bem alto.

E2: O problema é que eles não faziam cesárea, era muito estranho. Você ir para o interior trabalhar numa maternidade e não fazer cirurgia. Era muito estranho.

R: Ela sofreu pra caramba...

E2: Acontecia muito problema, não é?

R: E você sabe que esse rapaz é vivo?

E2: Você imagina aí uma DPP, uma placenta prévia, não é? Um colar de cordão...

E: Esse?

R: Eu vi.

E: É?

E2: Naquela época... uma pré eclampsia grave... Quando eu cheguei aqui não tinha, porque é lógico, eu vim de outra cultura (e ele continua falando simultaneamente... Difícil transcrever com exatidão)

R: Um dia eu estava sentada na porta aí ele passou por aí. Aí eu disse: “É o Tião”. Que a mãe dele botou, deu o nome dele de Bastião..

E: Sebastião.

R: É. Aí ela soube, não é? Que horrível uma mãe ter um filho assim.

E: Eu imagino.

E: Eu imagino. E a senhora ficava numa situação muito delicada também ali intermediando, não é?

R: Pois é.

E3: A senhora já ouviu falar de hanseníase aqui, de lepra, de algum caso de lepra?

E2: Naquela a época já tinha, já ouvia falar em lepra? Hanseníase?

R: Não.

E2: Lá na Santa Casa alguém? Já teve alguma parturiente?

R: Não sei.

E2: Não lembra não, não é? Lepra. Lembra daquela doença chamada lepra?

R: Chamava lepra, não é? Hoje mesmo eu estou com esse sinal aqui ó. (Risos) Aí eu fui mostrar ao doutor Davi ele disse assim: “Isso daí sabe o que é? É idade”. (Risos)

E: Problema de DNA. (risos)

R: É a primavera, é a idade.

E2: Naquela época não tinha não Totoca?

R: Hein?

E3: Não ouvia por aqui não lepra?

E2: Não se ouvia falar de lepra lá na Santa Casa?

E3: Naquela época que você estava lá Santa Casa?

R: Não, falou por lá, por aqui não.

E2: Lá não aparecia de vez em quando não?

R: Não.

E2: Nunca tinha visto?

R: Não.

E2: Realmente porque eu também não tinha relato, quando eu fiquei aqui a gente não via...

R: Sabe o que é...

E2: Isso é recente, não é não? Esse negócio de lepra não é recente? Tinha muita tuberculose, não tinha?

R: Ah tuberculose naquele tempo tinha!

E2: Tinha muita tuberculose.

R: Tinha.

E2: Mas lepra não.

R: Até mesmo depois que eu comecei a trabalhar na (nome citado aos 22min:46seg) tinha duas.

E2: Eu lembro daquelas magrinhas...

R: Teve uma que tirou... Bateu a chapa dos pulmões dela, deu muito remédio. Estão vivas lá todas duas.

E2: Aquelas duas magrinhas.

R: É. E aquelas meninas...

E2: Tem uns 25 anos isso.

R: E aquelas meninas lá do Banco do Brasil, que é aquela Alicia que teve um menino e ela tinha tanto leite, eu enchia os litros de refrigerante, esterilizava e enchia para levar para elas lá.

E2: Tirava o leite da Alicia...

R: É, para levar para elas lá, não é?

E2: Leite materno, levava leite materno para amamentar as crianças.

R: Eu levava para elas lá.

E2: A Ara, quando a Ara teve neném, a Aralice. Lá na clínica.

R: Foi. Aí Dr. Carlos dizia assim: “Faz logo cesariana mulher, eu não aguento mais!” Ela disse: “Eu não, que a dona Totoca disse que quando a gente pare normal que é melhor do que Cesariana”. (risos)

E2: Também faz analgesia, parto sem dor. Tem um ponto que tem que dilatar para fazer analgesia. Ah é, você estava no dia. Porque muita gente levava ela para assistir o parto, mesmo depois que ela já tinha abandonado para cuidar da criança.

R: Era. Foi. É.

E2: Depois...

E: Depois do nascimento.

E2: Depois do nascimento, que mãe de primeira viagem às vezes não sabia, ela tinha muita experiência com criança, ela fazia mesmo.

R: (rindo) Eu fazia tudo com as crianças, não é? Pois é. A gente riu muito, minha filha.

E2: Mas tuberculose então tinha muito, mas hanseníase eu não lembro. Eu falei para elas, eu não lembro de hanseníase aqui em Belmonte antes desse foco de Barrolândia.

R: Sim.

E2: Começou eu acredito que foi de Barrolândia, não foi?

R: Foi. Eu estive lá em Barrolândia que a minha sobrinha teve dois meninos...

E2: Mas lá você já ouviu falar da história de hanseníase lá.

R: Ela é professora lá, não é? E estive lá na clínica da Praça São João. A menina primeiro foi no dia 23 de maio e no outro ano...

E2: Que é a sua afilhada.

R: Hein? (Risos) E no outro ano tem um menino, não é? Domingo mesmo ela passou aqui mais eles.

E2: Então a história da hanseníase então a gente nem ouvia falar isso aqui.

R: Não, não ouvia falar não. Como dizem que vem através de sinais, não é? Aí eu cheguei (rindo) e fui mostrar ao doutor Davi... “Vou mostrar esse sinal aqui ó...”

E: Não, mas isso daí é da pele... (falam TODOS juntos)

E3: Isso é de onde toma sol...

R: Ele: “É a primavera”.

E: Nas áreas descobertas da pele a gente passa a ter mais sinais.

E2: Ela é dermatologista.

R: Ah é?

E2: É.

R: É daqui ela?

E2: Ela está vindo aqui para cuidar da gente...

E: (Risos)

R: De mim, de você.

R: Primeiro de mim que sou mais velha, viu minha filha? (risos)

E: Obrigada dona Totoca.

R: Pois é.

E: Vamos encerrar agora?

E3: Dona Totoca quer dizer que a senhora não lembra de quantos nenéns que a senhora cuidou?

R: Não.

E3: Teve algum parto assim muito traumático, que o neném morreu e que a senhora ficou muito triste...

R: Graças a Deus... .

E3: Nunca?

R: Ninguém morreu na barriga da mãe comigo.

E: Que bom!

R: Não.

E3: Tirou todo mundo.

R: Porque eu pedia muita proteção a Deus não é? Eu confio muito.

E2: Acho que você está mentindo para elas. Você falou que não é Belmontês está escrito aqui: Cidadã Belmontês.

R: Mas aí foi...

E: A isso foi o título. O título dela é Cidadã Belmontês.

R: Porque eu cheguei aqui com três anos de idade, estou até hoje aqui.

E: É. Belmontes.

E3: Trabalhou mais de 30 anos no hospital.

R: Não é? Aqui trabalhando. Eu queria que ele cuidasse da maternidade. (rindo)

E: (risos)

E2: Eu estou velhinho Totoca, agora só estou contando história.

E: Obrigada dona Totoca, obrigada, ta?

R: Gravou aí?

E: Gravei.